

---

## **Práticas de conhecimento possíveis para corpos indisciplinados<sup>1</sup>**

Daniel José de Castro Silva ZACARIOTTI<sup>2</sup>  
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

### **Resumo**

Este artigo visa elaborar um traçado epistemológico possível para corpos indisciplinados, ou seja, repensar e problematizar os estatutos de conhecimento hegemônicos de maneira a não categorizar ou despotencializar a vida dos sujeitos estudados. Traremos algumas bases que devem ser consideradas ao se tomar um caminho epistemológico da pesquisa, como a localização do saber, a consideração do corpo como potência viva e do contexto como relevância. Após isto, levantaremos três possíveis epistemologias para pesquisas éticas, a saber: a performance (Diana Taylor), a Epistemologia do Sul (Boaventura de Sousa Santos) e a micropolítica (Giller Deleuze e Félix Guatarri). Acreditamos que, seguindo as abordagens aqui propostas e, acima de tudo, respeitando os sujeitos de pesquisa, novos saberes e experiências possam ser descobertos.

### **Palavras-chave**

Corpo; Epistemologia; Epistemologia do Sul; Micropolítica; Performance

### **UM OUTRO OLHAR**

As epistemes e modos de produção de conhecimento configuram um campo de disputas latente, em especial, frente à emergência dos sujeitos comumente referenciados no espaço do objeto ao âmbito do/da pesquisador (a), ou seja, uma transposição entre aquele que observa e aquele que é observado. Deste modo, explorando este campo de tensões, propomos nesse artigo suscitar a importância de deslocamentos nas epistemologias tradicionais – a partir do protagonismo do sujeito. Este deslocamento se dará a partir do apontamento de outras epistemologias possíveis e de suas potências para com a produção de saber na contemporaneidade – epistemologias estas a performance, a micropolítica e as Epistemologias do Sul. Além disso, questionamos o papel do pesquisador e da academia frente aos corpos indisciplinados.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, tem focado suas pesquisas nos estudos de dissidências de gênero, audiovisual e ativismo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: [danielzacariotti@gmail.com](mailto:danielzacariotti@gmail.com).

---

Antes de entrarmos na exploração de possíveis epistemologias para sujeitos indisciplinados, como sugere o título do artigo, devemos fazer alguns apontamentos primordiais. Primeiramente, a localização desta pesquisa enquanto produzida em um país Sul-Americano – Brasil – por um pesquisador, homem, branco, homossexual e inserido em um programa de pós-graduação de uma universidade particular. Tomamos essa localização como uma primeira proposta para a construção de conhecimento, afinal, seguindo os pensamentos quanto aos Saberes Localizados de Donna Haraway:

Precisamos aprender em nossos corpos, dotados das cores e da visão estereoscópica dos primatas, como vincular o objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos de modo a nomear onde estamos e onde não estamos, nas dimensões do espaço mental e físico que mal sabemos como nomear. Assim, de modo não muito perverso, a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendências de todos os limites e responsabilidades. (HARAWAY, 2009, P.20-21)

Sendo assim, entendemos a pesquisa como uma instância de poder, algo que não pode ser entendido como neutro ou universal, como afirma Mombaça (2016), e que, em termos gerais, foi usada para delimitar e significar a existência e a produção – artística, intelectual, social e etc – de sujeitos e comunidades. Por isso, qualquer pesquisa que vise uma valorização do sujeito para além do status do objeto e uma colocação do/da pesquisador (a) enquanto sujeito ativo nas análises deve ser localizada. Essa perspectiva pode soar muito questionadora ou disruptiva para os cânones da academia – não que isto seja um fator ruim –, porém, assim como traz D’Souza (2010), o/a pesquisador (a) do alto da sua torre de marfim é tão comprometido para com a pesquisa quanto o/a pesquisador (a) ativista, ou seja, a imparcialidade é algo inconcebível e ilusório na academia, em especial, nas ciências sociais.

A partir deste ponto base de proposta epistêmica, seguimos com uma pergunta levantada por Taylor (2003): se mudássemos o modo de olhar e de produzir sobre o mundo quais histórias, corpos e tensão descobriríamos? Bom, essa pergunta é o ponto chave de apagamento histórico a partir da pesquisa. Em toda a construção de nossas bases de conhecimento e da recorrente valorização dos cânones do Norte global existiram apagamentos de subjetividades, sujeitos e experiências que foram negadas pelas instituições. Ou seja, seguindo a proposição de Pelúcio (2016), se o mundo tem cabeça é porque tem cu. É o momento então de resgatarmos esses cus do mundo, essas periferias

---

constantemente subalternizadas por seu centro e, acima de tudo, entender as potências de conhecimentos presentes nesses centros emergentes.

Porém, é impossível buscarmos essas novas possibilidades se seguirmos com a mesma lógica e o mesmo processo epistemológico, afinal, seguindo o pensamento de autores como Mombaça (2016) e Bourcier (2014), as epistemologias são potências das ficções e dos contrabandos teóricos. Então, para nos aproximarmos desses corpos e histórias dissidentes devemos também nos contrabandear e afetar. Devemos caminhar na direção do entendimento do conhecimento como um saber coletivo e multidirecional, ou seja, eu não observo o outro (pesquisador ativo-objeto passivo); nós nos observamos (ambos ativos) e somos observados por terceiros (contexto ativo). Este aspecto do protagonismo do sujeito pesquisado vem crescendo em pesquisas focadas, especialmente, no Sul global, como vemos em D’Souza (2010), “A produção de conhecimento exige a capacidade de reconhecer a presença do sujeito e do objeto e de distinguir um do outro”, ou seja, não podemos relegar sujeitos ao simples caráter de objetificação ao lutarmos por outros regimes de verdade.

Ainda, antes de adentrarmos no cenário prévio em que devemos considerar essas epistemologias e aspectos comuns das mesmas, devemos considerar o papel do/da pesquisador (a) frente à/se inserindo na instituição universidade. A universidade é o sistema de controle e disciplina do conhecimento validado, melhor dizendo, é dentro do espaço da universidade que as pesquisas e ideias – pelo menos em termos gerais – devem se localizar para serem validadas. Porém, como produzir um conhecimento dissidente dentro de uma instituição normalizadora? Bom, o/a pesquisador (a) que se propõe a descobrir novos mundos a partir de pesquisas não tradicionais deve entender o padrão em que o conhecimento que ele/ela articula foi criado e assim entender que

Compreender as restrições institucionais que se colocam à produção de conhecimento é condição necessária a uma epistemologia emancipatória. A tônica, aqui, deve ser posta não apenas naquilo que conhecemos, mas no modo como conhecemos aquilo que conhecemos. (D’SOUZA, 2010, P.159)

Partindo, destes estabelecimentos iniciais de colocação do sujeito pesquisador, da universidade, da possibilidade de outros conhecimentos a partir de outras abordagens e da necessidade de descoberta destes outros mundos, começamos a apresentar propostas de outras metodologias e quais devem ser posições básicas presentes nestas.

## O CORPO E O CONTEXTO

Ao propormos uma análise que considere de fato sujeitos e não ideais destes sujeitos, devemos entender a instância primeira de qualquer ser, o corpo. Existem inúmeros debates sobre o corpo e suas potências, porém, ao observarmos produções, em especial da antropologia e da sociologia, o corpo é muitas vezes considerado como fator inerte de pesquisa. Isto não é uma abordagem possível de ser apontada em um ou dois casos, é algo que está institucionalizado, ou seja, o sujeito é em grande parte das análises desconsiderado; suas ações são analisadas e suas vidas destrinchadas sem ao menos considerar algo como o fato vida deste corpo – o fato de que, enquanto estamos pesquisando este corpo está vivendo e, conseqüentemente, produzindo saber encorpado ou material. Sendo assim,

O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo. O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. (GREINER, 2005, P.130)

Portando, o corpo deve ser visto como potência ativa do sujeito, que está em constante mutação e que, como veremos na proposta de uma das metodologias trazida mais a frente, é fonte pura de conhecimento. Estes corpos produtores são formados então por informações vindas dos contextos e por informações produzidas em seu interior, assim chamaremos estes corpos falantes – seguindo a noção presente na contrassexualidade de Preciado:

No âmbito contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder as todas as práticas significantes, assim como todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. (PRECIADO, 2014, p. 21)

Ou seja, ao considerarmos os corpos falantes estamos destituindo o sujeito de uma designação arbitrária e promovendo uma enunciação múltipla não engendrada em um determinismo prévio, ressaltamos o protagonismo deste corpo de se colocar frente ao mundo/à pesquisa e de se ter como indisciplinado. Assim, o corpo falante deve ser a consideração inicial de uma epistemologia possível. Em contramão, devemos entender o

---

âmbito onde estes corpos se inserem e seu fator determinista para as pesquisas, isto é, devemos entender as particularidades dos contextos.

O contexto de vivência do corpo a ser pesquisado é algo que deve ser considerado em duas instâncias; primeiramente devemos considerar as teorias e colocações que serão propostas para cada pesquisa e isto deve considerar o contexto do sujeito pesquisado. Pereira (2012) nos dá o exemplo da transposição da Teoria Queer para o Brasil como algo inviável visto o caráter e o cenário de formação desta teoria. Ou seja

Our methodologies can and should be revised constantly through engagement with other interlocutors as well as other regional, racial, political, and linguistic realities both within and beyond our national boundaries. (TAYLOR, 2003, P.12)<sup>3</sup>

Sendo assim, o contexto do sujeito deve ser um fator determinante na escolha dos caminhos epistemológicos, teóricos e metodológicos da pesquisa para que haja uma aproximação e uma observação não deslocada da potência de saber daquele sujeito – para além de uma escolha calcada no objetivo a ser atingido com a pesquisa. Desta forma, assim como pensado por Taylor (2003), o contexto – ou cenário como ela usa – toma um caráter de estruturação do conhecimento corporificado.

A segunda instância é a da relação corpo e contexto, como este corpo, sobre o qual a pesquisa se debruça, foi e é atingido pelo contexto; por exemplo, não podemos estudar as populações negras na América sem pensarmos a diáspora causada pela escravidão, ou ainda, estudar a presença do judaísmo no mundo sem considerar o Holocausto. Afinal, como traz Pereira (2012), “Descontextualizar estes corpos e almas seria proceder um tipo de violência epistemológica que atua retirando aquilo que é mais caro para os sujeitos envolvidos, desprezando sua invenção e formas de agir”, deste modo, um corpo descontextualizado é um corpo incompleto e uma pesquisa causar este deslocamento é um ataque ao valor daquele sujeito.

Trazemos aqui um contexto que deve ser considerado para grande parte<sup>4</sup> dos sujeitos contemporâneos: a Farmacopornografia. O farmacopornográfico se refere ao processo biomolecular (fármaco) e semiótico-técnico (pornográfico) de governo da subjetividade sexual, como traz Preciado (2018). Este contexto considera que os fármacos

---

<sup>3</sup> Nossas metodologias podem e devem ser revistas constantemente através do engajamento com outros interlocutores assim como com realidades regionais, raciais, políticas e linguísticas dentro e fora das nossas fronteiras nacionais. (Tradução do autor).

<sup>4</sup> Excluo aqui grupos que vivem totalmente separados da instituição do capital. Importante frisar que caso o grupo não viva completamente alheio a esta lógica de circulação de produtos e imagens, ele está inserido nesta generalização.

---

produzem um controle das vidas dos sujeitos a partir da instância biológica, ou seja, delimitando acessos e melhorias a estes corpos material – algo semelhante à lógica do Cirbogue de Haraway (2000) – e, a pornografia trabalha em um controle ideológico do corpo espírito, um controle de desejo, produção e consumo. A era farmacopornográfica atua na instância micropolítica, isto é, atua como uma dominação do sensível e da potência do humano.

Consideramos este um contexto primeiro e quase universal na contemporaneidade para mostrar a importância e o nível de observação que deve ser tomado ao considerar o corpo e o âmbito de atuação do mesmo. Este contexto nos ajuda também a ilustrar o caráter interseccional que deve ser tomado na observação de qualquer corpo, subjetividade ou experiência.

Interseccionar linhas de saber-poder pode, talvez, nos garantir alguma margem de liberdade diante das formas arbitrárias, hierárquicas e normativas de pensar-viver a vida e as relações sociais que nos interpelam como seres viventes/ submetidos ao regime de uma população – homens ou mulheres, lésbicas, gays, trans ou heterossexuais, trabalhadoras/res da educação, crianças, jovens, adultos, idosos/as. Uma outra epistemologia do mundo talvez seja possível a partir de nossa disposição para a interseccionalidade como um modo de problematizar o que nos faz humanos ou não – tomando como plano privilegiado a Educação como espaço-tempo-política de subjetivação. (POCAHY, 2011, P.28)

Assim, a interseccionalidade dos sujeitos se torna um requisito a ser considerado nas pesquisas. Não podemos considerar apenas um favor ou apenas uma face de comportamento em nossos estudos; agir assim seria, como na descontextualização, uma violência epistemológica para com aqueles que observamos e trazemos ao protagonismo acadêmico. A interseccionalidade, como nos mostra PocaHy (2011), é a forma possível de se criar uma abordagem integrada que considere as problematizações rizomáticas – Deleuze e Guatarri (2010) – das identidades e diferenças, isto é, uma consideração da complexidade presente no sujeito.

Fazemos agora um breve resumo de todas as etapas que passamos até aqui para entrarmos nas três epistemologias que serão propostas como possíveis de serem acionadas em pesquisas que considerem corpos indisciplinados – ressaltando que todo corpo produtor de sentido, vida e experiência é um corpo indisciplinado, ou seja, corpos humanos e não humanos, como será elaborado mais à frente. Propomos que, para que um (a) pesquisador (a) se aproxime de uma maneira justa, ética e produtiva de seus sujeitos de pesquisa ele (a) deve:

- 1) Localizar o espaço de produção de conhecimento em que se insere de modo a ressaltar a perspectiva parcial de toda pesquisa;
- 2) Entender o local da universidade frente ao mundo e de si mesmo enquanto delimitador de apagamentos e acentuações dentro desta instituição;
- 3) Reconhecer a presença do sujeito pesquisado como igual e não apenas como objeto de manipulação acadêmica;
- 4) Entender o corpo como a instância primeira de conhecimento do sujeito e não somente como um instrumento físico de análise; ou seja, colocar o corpo observado como ativo e constante;
- 5) Considerar o contexto do corpo na hora de tomar decisões epistemológicas, metodológicas e teóricas, de modo a não forçar estudos deslocados em corpos específicos.
- 6) Considerar o contexto como um produtor de sentido, entendendo o caminho do sujeito até o presente e as perspectivas impostas naquele corpo;
- 7) Considerar a interseccionalidade como premissa presente nos sujeitos da pesquisa.

Trazemos agora três possíveis epistemologias que seguem tais caminhos e mostramos proposições outras advindas destas.

## **PERFORMANCE E O SABER CORPORIFICADO**

A performance é um campo de estudos advindo dos trabalhos das Artes Cênicas que toma força com estudiosos como Diana Taylor (2003), Jorge Glusberg (2005) e, no Brasil, Renato Cohen (2019) e Eleonora Fabião (2008). Para o presente artigo, nos basearemos nos estudos de Taylor e Glusberg por suas perspectivas e proposições da performance enquanto uma epistemologia.

A perspectiva principal da epistemologia da performance é a localização da produção de conhecimento como algo corporificado<sup>5</sup>:

And, as I argue throughout, we learn and transmit knowledge through embodied action, through cultural agency, and by making choices. Performance, for me, functions as an episteme, a way of knowing, not simply an object of analysis. By situating myself as one more social actor in the scenarios I analyze, I hope to position my personal and

---

<sup>5</sup> O termo original é embodied podendo ser traduzido como incorporado, encarnado ou corporificado. Aqui optamos pela terceira palavra.

---

theoretical investment in the arguments. I choose not to smooth out the differences in tone, but rather let them speak to the tensions between who I am and what I do<sup>6</sup>. (TAYLOR, 2003, P. XVI)

Taylor então nos mostra que, ao localizarmos o saber no corpo – em contramão ao saber apenas valorizado dos textos e registros – teremos uma nova perspectiva de descoberta de práticas sociais, ou seja, uma nova possibilidade de descoberta e troca para com nossos sujeitos de análise. Essa proposta ainda considera as relações criadas na tensão entre pesquisador (a) e pesquisa, isto é, ressalta a importância de considerarmos todo o percurso performático presente nos encontros dos corpos aos quais a pesquisa se propõe e do (a) pesquisador (a).

A performance então, como mostra Glusberg (2005), transforma o corpo em um veículo significante com variedade de sentidos – visual, olfático, tátil, auditivo e etc. O corpo se torna então um território rico produção de conhecimentos; conhecimentos estes que foram e são afastados e apagados por epistemologias tradicionais que relegam o saber ao âmbito do arquivo – Taylor (2003) faz a diferenciação entre arquivo (livros, registros, imagens) e repertório (o saber do corpo). Taylor em suas proposições nos mostra ainda que não podemos dicotomizar os saberes do arquivo e do repertório e sim, que ambos andam lado a lado nas perspectivas da performance enquanto episteme possível.

#### A epistemologia da performance

It would also entail a methodological shift, a rethinking about what counts as expertise or as valid source. It would demand the recognition of the permanent recycling of cultural materials and processes between the Western and non-Western<sup>7</sup>. (TAYLOR, 2003, P.10)

Vemos a epistemologia da performance como um tremor nas perspectivas de conhecimento tradicional por diversos motivos, como por exemplo: deslocar o saber para o corpo, considerar os cenários<sup>8</sup> em que este corpo se encontra para entender as práticas

---

<sup>6</sup> E, como afirmo, aprendemos e transmitimos conhecimento através de ações corporizadas, através de agencialmente cultural e fazendo escolhas. A performance, para mim, funciona como uma episteme, uma maneira de saber, não simplesmente um objeto de análise. Ao me situar como mais um ator social nos cenários que analiso, espero posicionar meu investimento pessoal e teórico nos argumentos. Eu escolho não suavizar as diferenças de tom, mas deixá-los falar das tensões entre quem eu sou e o que faço. (tradução do autor).

<sup>7</sup> Também implicaria uma mudança metodológica, um repensar sobre o que conta como expertise ou como fonte válida. Exigiria o reconhecimento da reciclagem permanente de materiais e processos culturais entre os países ocidentais e não ocidentais. (tradução do autor).

<sup>8</sup> Scenarios é o termo que a autora usa originalmente.



do mesmo, demarcar a vivacidade desse corpo, ou seja, a impossibilidade de categorização fechada deste conhecimento e a possibilidade de uma construção contínua, a democratização do saber para além daqueles que são letrados e possuem acesso aos meios de marcação hegemônicos da história e o entendimento do conhecimento captado pelo(a) pesquisador(a) como algo parcial. Partimos agora para um outro caminho, o das Epistemologias do Sul.

## **EPISTEMOLOGIA DO SUL E O SABER DECOLONIAL**

As Epistemologias do Sul surgiram como uma possibilidade de prática de conhecimento a partir dos anos 90, sendo Boaventura de Sousa Santos (2009, 2010, 2019) um dos grandes nomes responsáveis por organizar os estudos que visam uma quebra com o monopólio dos saberes do Norte global.

As Epistemologias do Sul surgem então a partir da crise epistemológica do paradigma dominante e da emancipação do paradigma emergente, como mostra Santos (2009), sendo que, ao nos referirmos em Epistemologias do Sul estamos tratando de diversas possibilidades criadas com foco neste conhecimento emancipação. Estudos como o de D'Souza (2010) e o de Santos (2009) nos mostram propostas que emergem frente ao conhecimento regulação, digo, ao conhecimento tradicional associado às instituições de controle e disciplina – universidade, igreja, medicina, escola e outras.

Este campo surge então como um movimento de valorização dos conhecimentos descentralizados, voltando ao pensamento de Pelúcio (2016): uma valorização dos conhecimentos do cu do mundo. Estes conhecimentos, pela própria formação do Sul global, almejam o protagonismo do sujeito e das particularidades frente às categorizações universais e, assim, consideram fatores como diáspora e ativismo.

Estes pensamentos ainda emergem frente à imposição colonial ainda presente em diversos países que podem ser considerados ex-colônia, ou seja, o movimento é de descolonizar a epistemologia e o saber – pensando que, epistemologias colonizadoras ressaltam as subalternizações dos corpos e sujeitos marginais (corpos negros, mulheres, a comunidade LGBTIQA+, os povos indígenas, pessoas que vivem com alguma deficiência e outros). A Epistemologia do Sul propõe então um cruzamento dos saberes abissais, uma quebra dos saberes localizados de um lado da linha (Norte) pelos saberes emergentes do outro (Sul), como nos mostra Santos (2009) – a partir deste cruzamento

---

epistemológico poderíamos de fato começar a quebrar as lógicas de subalternização e controle das tensões Norte-Sul.

Sendo assim, a partir do espaço desta crise epistemológica e da emancipação de novos saberes, a Epistemologia do Sul propõe a utilização do saber como instância de poder para as perspectivas decoloniais e pós-coloniais, um poder criado a partir da lógica do diálogo e da troca com culturas outras, ou melhor dizendo seguindo a lógica deste artigo, culturas indisciplinadas. Ou seja, as Epistemologias do Sul buscam novos saberes utópicos criados a partir da emancipação do Sul global frente ao monopólio de saber abissal através da pluralidade epistemológica presente no sujeito.

Um último ponto que desejamos aqui ressaltar de importância dentro das Epistemologias do Sul é a consideração da representação aberta que é criada em pesquisas a partir de comunidades:

Porque é uma representação aberta e incompleta, a comunidade é ela própria dificilmente representável; ou é-o apenas vagamente – e os seus elementos constitutivos, também eles abertos e inacabados, frutam-se a enumerações exaustivas (BOAVENTURA, 2009, P.75)

Assim sendo, o caráter processual e contínuo é resgatado nas Epistemologias do Sul de modo a não criar pesquisadores (as) que se exauem – e exauem seus leitores – em uma tentativa infrutífera de categorizar ou enquadrar sujeitos, experiências, subjetividades e comunidades em perspectivas prescritas.

## **MICROPOLÍTICA E O SABER POTÊNCIA**

A micropolítica foi pensada pela primeira vez nos anos 80 por Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1996)<sup>9</sup> a partir da observação de eventos globais, como o movimento de maio de 68 na França e o Fascismo. Essa perspectiva foi trazida como uma proposta frente ao constante foco das lutas por justiça social e dos estudos de política no aspecto macropolítico da vida, ou seja, em apenas um dos polos de embate das potências de sujeitos e instituições, em especial, o estado.

A micropolítica mostra que

Diz-se erroneamente (sobretudo no marxismo) que uma sociedade se define por suas contradições. Mas isso só é verdade em grande escala. Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina

---

<sup>9</sup> O texto original foi público em francês nos anos 80, mas aqui usamos como referência a edição brasileira de 1996.

---

de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma “evolução dos costumes”, os jovens, as mulheres, os loucos, etc. (DELEUZE e GUATARRI, 1996, P.84)

Deste modo, a potência da micropolítica está nos escapes, nos elementos que fogem à disciplina ao primeiro olhar e às lutas tidas como de primeira instância.

O foco da micropolítica, como traz Rolnik (2018,) está nas tensões entre o sujeito e o que está fora do sujeito, ou seja, o questionamento do abuso sobre a força vital dos elementos da biosfera – em contraponto ao foco da macropolítica que está no questionamento das assimetrias das relações de poder –, os sujeitos da micropolítica são humanos e não humanos (tendo diferenças de ação entre estes), ressaltando que a luta é própria de todos os elementos da biosfera que insurgem frente a violência contra a vida, como por exemplo, rios que secam devido à exploração de suas nascentes, animais que atacam frente ao seu enclausuramento e outros – enquanto na macropolítica a luta está apenas localizada nos humanos, especialmente nos que sofrem devido às más distribuições de poder.

Sendo assim a micropolítica é vista como uma ascendência epistemológica, um novo caminho que vise a preservação e potencialização da vida frente aos abusos das potências por parte das instituições e disciplinas. A micropolítica é um caminho a ser considerado em conjunto com as tradicionais perspectivas políticas e sociais – as do espectro da macropolítica –, assim, ao propormos aproximação com os sujeitos de pesquisa iremos ressaltar e não abafar a sua potência de vida. Desejamos assim, como propõem Deleuze e Guatarri (1996), superar erros de abordagem.

O primeiro é axiológico e consistiria em acreditar que basta um pouco de flexibilidade para ser "melhor". [...] O segundo é psicológico, como se o molecular pertencesse ao domínio da imaginação e remetesse somente ao individual ou ao interindividual. [...] Em terceiro lugar, as duas formas não se distinguem simplesmente pelas dimensões, como uma forma pequena e uma grande; e se é verdade que o molecular opera no detalhe e passa por pequenos grupos, nem por isso ele é menos coextensivo a todo campo social, tanto quanto a organização molar. Enfim, a diferença qualitativa das duas linhas não impede que elas se aticem ou se confirmem de modo que há sempre uma relação proporcional entre as duas, seja diretamente proporcional, seja inversamente proporcional. (DELEUZE e GUATARRI, 1996, P. 83)

Sobrepondo então estes erros poderemos utilizar o pensamento micropolítico como uma epistemologia de abordagem extremamente próxima ao sujeito e não apenas generalizante: uma abordagem que considere a potência de vida como base de consideração da pesquisa e as impotências dos centros de poder como foco de observação.

## O ENCONTRO EPISTEMOLÓGICO

A partir destas três epistemologias aqui propostas podemos considerar mais alguns pontos de proposição para pesquisadores (as) éticos:

- 1) O corpo é um local de produção de saber tão potente quanto a escritura e ambos devem ser acessados na observação dos sujeitos de pesquisa;
- 2) A decolonialidade deve ser pensada como pressuposto básico de análise de sujeitos contemporâneos. É um posicionamento emancipatório e contestador que deve ser a base das epistemes;
- 3) Processo e continuidade devem ser levados em conta; os sujeitos não são estáticos e, conseqüentemente, o conhecimento não pode ser estático;
- 4) As aproximações não devem sufocar as potências de vida dos sujeitos de pesquisa: antes, devem valorizá-las;
- 5) Geral e particular devem andar lado a lado na observação de fenômenos, experiências, subjetividades e sujeitos.

Seguindo estes caminhos poderemos nos aproximar de um método, como propõe Mombaça (2016), que subnutra os modelos ideais para excitar um processo de criação teórica que não opera como algo exterior a nós, mas produz-se numa continuidade entre sujeito e objeto; ou seja, um processo que considera as incertezas e pluralidades do caminho de construção de saber, afinal, como diz tão bem Pocahy (2016), toda epistemologia é engendrada politicamente, é uma ação sobre o mundo – um fazer-mundo.

Em última instância, voltamos ao pensamento de Taylor (2003) quando nos traz que devemos seguir da premissa de que não entendemos o outro de maneira completa e ainda, que cada passo de aproximação deva superar noções de fácil acesso, decifração ou tradução. Seguindo Rocha (2018), os sujeitos são afetados a partir desta porta de entrada que é o encontro, sendo que a pesquisa deve ser vista como um encontro entre sujeitos, sujeitos estes que são ambos observadores e observados.

## REFERÊNCIAS

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v.1.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v.3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.

D'SOUZA, Radha. As prisões do conhecimento: pesquisa ativista e revolução na era da "globalização". In: SANTOS, Boaventura Sousa. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 145-171.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, 8, p. 235-246, 2008.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1 jan. 2009.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOMBAÇA, Jota. **Pode um Cu Mestiço Falar?** 2015. Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso: 23.04.2020

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 28, p. 341-353, set. 2016.

PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado: estratégias cucarachas para não higienizar o queerno Brasil. **Iberic@l: Revue D'études Ibériques et Ibéro-américaines**, Paris, n. 9, p. 123-136, printemps 2016. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2016/05/Pages-from-Iberic@l-no9-printemps-2016-12.pdf>. Acesso em: 20/05/20

PEREIRA, Pedro Paulo. Queer nos trópicos. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v.2, jul-dez 2012, p. 371 -394.

POCAHY, Fernando. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. **Textura**, Canoas, p. 18-30, jan. 2011.

POCAHY, Fernando. (Micro)políticas queer: dissidências em pesquisa. **Textura**, Canoas, v. 18, n. 38, p. 8-25, jun. 2016.

PRECIADO, P. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018

PRECIADO, P. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

ROCHA, Rose de Melo. Comunicação e estudos de gênero: imagens diaspóricas, imaginários insurgentes. In: COMPÓS, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2018, Belo Horizonte. **Anal do XXVII Encontro Anual da Compós**. Belo Horizonte: Compós, 2018. p. 1-22.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Boaventura Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. São Paulo: Autêntica, 2019.

TAYLOR, Diana. **The archive and the repertory: performing cultural memory in the Americas**. Durham: Duke University Press, 2003.